

GUUUA

vidaarte

“É sobre um passado de um tempo presente”, versa Sabotage na canção de 2002 que empresta o título ao filme cearense “Cabeça de Nêgo”. Estreia do cineasta Déo Cardoso na direção e roteiro de um longa-metragem - concretizado após aprovação no Edital Longa BO Afirmativo 2016, que contemplou somente três projetos e foi descontinuado a partir da gestão Temer -, a obra apresenta temas como mobilização estudantil, precarização na educação e racismo a partir de Saulo Chuvisco (Lucas Limeira), um estudante tímido, poeta e em processo de politização que passa a lutar contra opressões na escola pública onde estuda. “Cabeça de Nêgo” entra em cartaz hoje, 21, no Shopping Benfica, Cinema do Dragão e Cineteatro São Luiz.

Problemas de orçamento, estrutura e tensionamentos de raça e classe marcam o dia-dia de Saulo e das outras alunas e alunos na escola. Ao passo que o diretor (Carri Costa) atua como figura opressora, o corpo discente conta com a zelosa e envolvida professora Elaine (a carioca Jéssica Ellen).

É com ela que Saulo troca ideias sobre movimentos sociais e ação popular direta, compartilhando leituras e descobertas sobre, por exemplo, os Panteras Negras, partido revolucionário dos EUA. É inspirado nos ensinamentos do grupo que o estudante passa a lutar por mudanças na escola, movimento que causa choques com professores e até colegas. Após sofrer um insulto racista e reagir, ele é expulso, mas se recusa a acatar o mandado. É este o estopim da trama do longa.

Refletindo um momento específico da educação no País - as ocupações escolares que encontraram força, principalmente, em 2016 -, “Cabeça de Nêgo” consegue ter um tempo bem demarcado e um caráter atemporal. O roteiro, por exemplo, foi escrito antes do movimento tomar corpo, enquanto que, mesmo lançado três anos após as filmagens, a produção ecoa questões recentes ligadas à educação e às lutas sociais.

Apesar de ser ele próprio um admirador dos Panteras Negras, Déo conta que o que inspirou a trama e a construção do protagonista foi um aluno que conheceu. “Um menino, um poeta, super tímido, também se politizando, indignado com todo tipo de opressão, que não é um líder nato, mas articula pela poesia”, define o cineasta.

Entra, aqui, outra qualidade forte do longa: lança-se um ponto de vista pessoal e individual, mas que envolve o coletivo e convida à identificação. O protagonista Lucas Limeira, por exemplo, lembra das discussões entre o elenco jovem acerca das próprias experiências.

“Em 2016, eu não estava vinculado a nenhuma universidade, mas por estar no meio do movimento artístico pude participar e apoiar algumas ocupações

universitárias e secundaristas. Como é um filme com muitos atores jovens, que tinham estudado em escola pública, teve um diálogo muito grande sobre isso. Além da minha experiência, teve a dos outros atores, também, e isso enriqueceu o processo de todo o elenco”, observa o ator.

Até mesmo em momentos anteriores da própria trajetória, Lucas reconhece hoje ter vivenciado momentos de envolvimento político, dos ensinamentos da família desde cedo sobre sua negritude à luta pela permanência das aulas de teatro na escola onde estudou.

“Às vezes, a gente associa nosso movimento político a quando conhece as coisas pela forma científica e acadêmica, quando começa a nomear, mas comecei a fazer teatro aos 11 anos com a professora Socorro Machado, uma lutadora que reconhecia e explicava a importância da arte aos alunos. Passei pelo movimento de também lutar para permanecer fazendo teatro. Consigo pensar, hoje em dia, que foi um movimento político muito forte. Vejo como central no filme a atitude que o personagem tem de dizer ‘não’ para uma injustiça”, identifica Lucas.

A insistência foi, também, um dos pontos principais para a concretização do filme, um dos três possibilitados a partir do Edital Longa BO Afirmativo 2016, lançado pela Agência Nacional do Cinema ainda no governo Dilma. Após o impeachment da presidente, Déo julgou que a chamada não iria para frente. No entanto, o processo precisou ser completado e o cineasta recebeu a aprovação.

“Se não fosse um edital de política pública, eu ainda estaria fazendo curta-metragem, tentando como eu sempre tentei, mas sem dinheiro, sem chamar

O NEGO
NÃO
PARA NO
TEMPO

JOÃO GABRIEL TRÉZ
joagabriel@opovo.com.br

| CABEÇA DE NÊGO | Após forte trajetória no circuito de festivais, longa cearense estreia ecoando lutas pessoais e coletivas a partir de trama sobre estudante negro da rede pública que se movimenta por mudanças no colégio

a galera. Foi difícil, mandei para um primeiro edital geral e não entrou, mas, ainda no governo Dilma, abriu o edital afirmativo e entraram três projetos: o meu, o da Viviane Ferreira e o do Gabriel Martins”, narra Déo.

“Fico pensando quantas Vivianes, Déos, Gabrieis, pessoas negras e indígenas estão na batalha e um projeto desses é descontinuado. Tem muita gente só esperando uma oportunidade para fazer um ‘Cabeça de Nêgo’ na Paraíba, no Rio Grande do Norte, no Amazonas... O Brasil é um País continental e diverso e essas políticas públicas são fundamentais. Quando não existem, há um marasmo e ficamos só com os mesmos fazendo o mesmo”, aponta.

Da centralização de recursos à descontinuidade de políticas, do racismo cotidiano ao estrutural, tema e forma se ligam intrinsecamente ao se falar de “Cabeça de Nêgo”. “O filme está abrangendo feridas sociais que se você parar pra pensar, inclusive na frase do Sabotage, estão aí desde o Brasil Colônia. Elas apenas mudaram de roupagem, mas estão aí vivas”, avalia Déo.

Mesmo tendo escrito o roteiro antes das ocupações ou, por exemplo, do movimento da “Escola Sem Partido” - tema que, o realizador ressalta, acaba costumeiramente sendo mencionado a partir da obra -, Déo reconhece que “você vai encontrar paralelos porque tá tudo vigente”. “Não se trata de adivinhar, se trata de serem as mesmas feridas abertas, que daqui a pouco vão ter outro nome. O filme constata uma ferida aberta e, também, o que um grupo de jovens faz em relação a ela”, resume. É sobre um passado de um tempo presente.

Continua na página 6

MARCOS K HIRANO



“Cabeça de Nêgo”, longa de estreia de Déo Cardoso, acompanha processo de mobilização em escola pública a partir de ações do estudante e poeta Saulo Chuvisco (Lucas Limeira)

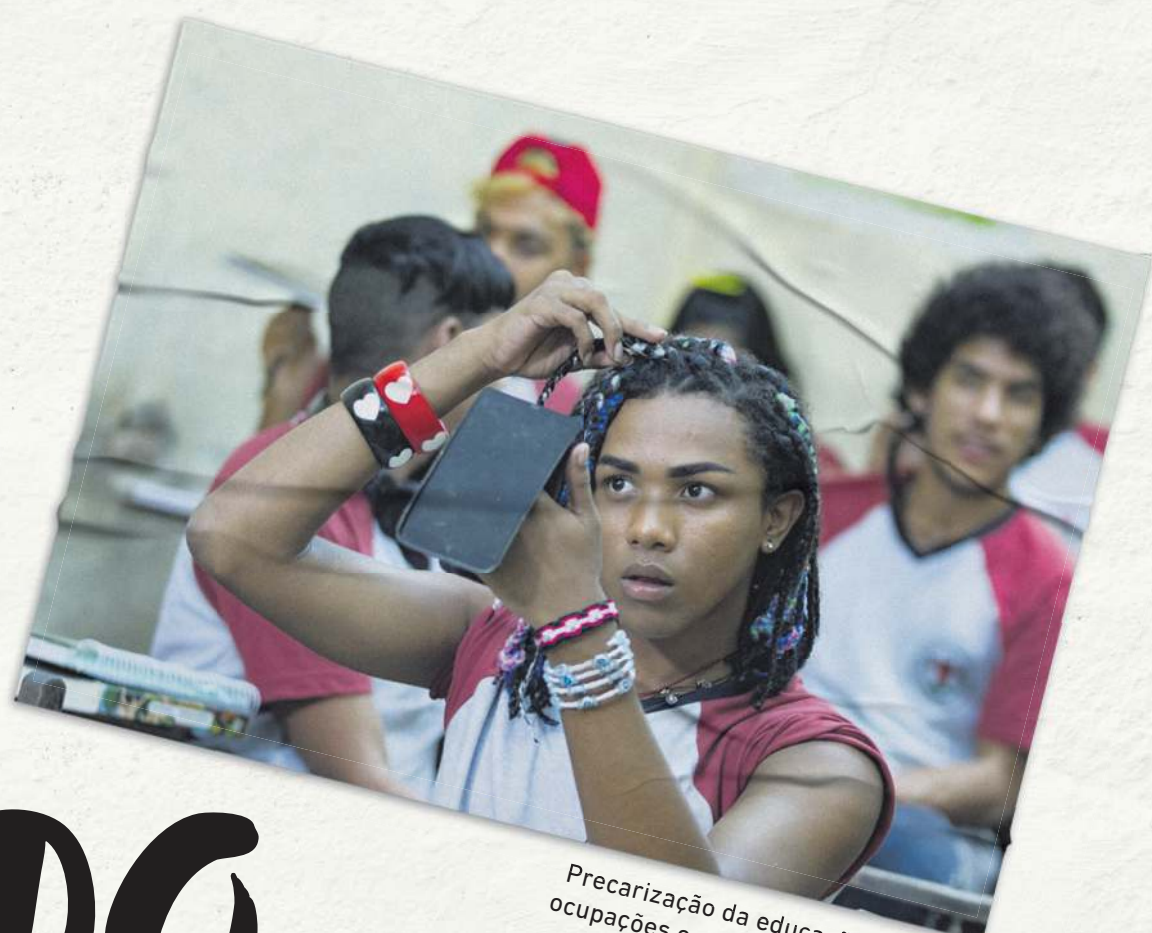
Cabeça de Nêgo

Quando: estreia hoje, 21
Onde: Cinema do Dragão (rua Dragão do Mar, 81, Praia de Iracema)
Sessões às 20 horas nos dias 21, 23 e 27; e às 20h10 nos dias 22, 24 e 26
Cineteatro São Luiz (rua Major Facundo, 500, Centro)
Sessões às 14 horas e 18h20 no dia 21; 14 horas e 16h20 no dia 22; e 10 horas e 16 horas no dia 23
Shopping Benfica (Av. Carapinima, 2200, Benfica)
Sessões às 14h15 e 19h55 (sala 2) e às 17h35 (sala 1) entre os dias 21 e 27
Mais infos: @cabecadene-goofilme
“Panorama do Cinema Negro - breve histórico”, com Déo Cardoso
Quando: nesta quinta, 21, às 16 horas
Onde: YouTube do Dragão (youtube.com/dragoadomarc-centro)

| CONTINUAÇÃO DA CAPA | Distribuição independente, passagem por periferias e expectativas por debates sobre educação e política marcam circulação de “Cabeça de Nêgo”

FAÇO O QUE FAÇO, NÃO MANDO

RECADO



Precarização da educação pública e ocupações escolares são alguns dos temas de 'Cabeça de Nêgo'

Janeiro de 2020: “Cabeça de Nêgo” estreava oficialmente na Mostra de Tiradentes. “Era uma incógnita como seria a recepção, era a primeira exibição pública do filme e a gente tava bem apreensivo. O filme foi bem aplaudido, o que nos surpreendeu - não porque a gente duvidasse, mas é notório que os públicos de alguns festivais são muito exigentes, críticos, e isso é muito bom”, lembra o cineasta Déo Cardoso. A boa repercussão chamou atenção de distribuidoras e os prognósticos eram positivos. Dois meses depois, a pandemia remexeu com os caminhos traçados de todo o mundo e o longa ficou em suspenso. Quase dois anos depois, “Cabeça de Nêgo” chega às salas de cinema em sete cidades com estratégia de lançamento independente, planos de uma importante circulação não comercial e pronto para “dar uma chacoalhada”.

“A gente saiu de Tiradentes com algumas propostas de distribuição, mas veio a pandemia e as distribuidoras que haviam entrado em contato ficaram também sem saber como reagir. Se não sabiam o que fazer com os filmes que já estavam em vias de lançamento, imagina novos”, narra o realizador.

Pessoalmente, Déo compartilha também ter passado por dificuldades financeiras. Professor de faculdades particulares, foi afetado pela crise, mas passou em um concurso da Universidade Federal do Ceará no final de 2020 e garantiu “um respiro importante - inclusive para

negociar uma distribuição independente” do longa.

Nesta semana, o filme estreia em três salas em Fortaleza, além de também chegar nos circuitos de Aracaju, Belo Horizonte, São Paulo, Rio de Janeiro, Palmas e Manaus. A intenção é, na segunda semana, expandir para Maceió, Salvador e Recife.

De forma bem-humorada, o diretor reconhece que o momento é de “lutar contra o Venom, o 007, o ‘Eternos’”, mas também que a cota de tela - medida que demanda inclusão de obras brasileiras nas salas comerciais seguindo determinados critérios estabelecidos, mas que está enfraquecida nos últimos anos - é “muito necessária” ao cinema brasileiro.

“Em geral, o povo brasileiro gosta também de ver filme sem ler legenda. A comédia é um filão muito forte, mas nosso filme difere. Tem duas pessoas mais conhecidas, mas o resto é a juventude de Fortaleza, é independente, não tem um maquinário publicitário... Nossa ação é nas redes, é lutar contra o Venom, o 007, o ‘Eternos’. Nunca vai ter uma data boa, sempre vai estar saindo um filmão desses, então a cota de tela se faz necessária.

Infelizmente, nossos governos são muito subservientes aos lobbies americanos”, avalia.

Após o lançamento nas salas de cinema, “Cabeça de Nêgo” já tem um caminho traçado que inclui a estreia numa plataforma de streaming ainda a ser definida - “está entre duas populares”, adianta Déo - e, depois, uma terceira etapa de circulação não comercial por espaços como escolas, periferias, assentamentos, aldeias indígenas e comunidades quilombolas.

“A gente recebeu um financiamento de um fundo sueco que acreditou muito na nossa estratégia de popularizar o filme. Será com professores, lideranças comunitárias, levar o filme e ter debates nesses espaços. Essa é a parte que eu tô mais empolgado”, admite Déo.

Lucas Limeira, o protagonista, compartilha uma “ansiedade” em “muitas camadas”. “Tem a profissional, a afetiva. Agora ele já tá chegando em muita gente, mais do que antes, e espero que muita gente assista e converse comigo”, afirma.

Déo também admite expectativas em relação às reações ao filme, levando em conta os temas do filme, que referencia,

“Em um país polarizado, o filme chega pra dar uma chacoalhada”

DÉO CARDOSO, cineasta

entre outras, Panteras Negras e Paulo Freire, e o contexto do Brasil. “Em um país polarizado, às vésperas de uma eleição importante, o filme chega pra dar uma chacoalhada, testar”, antevê o cineasta.

“Você tem que ter a cabeça pra entender os elogios, tapinhas nas costas e críticas, admitir alguns erros e defender outros, mas quando o filme tá na rua, já era. Pega as críticas, se engrandeça, reforce ou embaralhe suas convicções, e prepare o próximo”, compreende.

Um dos pontos que o cineasta já se prepara para debater é a presença da violência em partes do filme - um tema, entende Déo, inescapável. “A violência, infelizmente, é uma linguagem, e uma com a qual a periferia convive diariamente”, observa o cineasta, ressaltando, porém, um contraponto: “Se tem corpos negros apanhando, tem corpos negros revidando, defendendo”.

“A mensagem que fica é: se prepare, me aguarde, porque de um jeito ou de outro, vai ter revide - e não só de vingança física. Pode ser um revide estratégico, intelectual, epistemológico”, sugere Déo. (João Gabriel Tréz)

ELENCO

“Intercâmbio dentro do próprio Brasil”

O elenco principal de “Cabeça de Nêgo” traz, principalmente, jovens talentos cearenses, além de nomes já reconhecidos: junto de Lucas Limeira, estão Nicoly Mota, Jenniffer Joingley, Mayara Braga, Wally Menezes, Mateus Honori, Larissa Góes, Hilton Costa, Raphael Souma, Jeff Pereira, Lucas Madi, Renan Pereira, Carri Costa, Marta Aurélia e José Ilton Neto. Ao grupo, somaram-se as presenças do baiano Val Perré (atualmente no ar como Potifar na novela “Gênesis”) e a carioca Jéssica Ellen (que interpretou Camila em “Amor de Mãe” e encerrou recente participação no reality “The Masked Singer Brasil”).

“Já ouvi muito falar do cinema independente do

Ceará, mas nunca tinha trabalhado aqui”, divide Val. A escalação para trabalhar em “Cabeça de Nêgo”, onde o ator dá vida ao porteiro Walter, veio por indicação do amigo e também ator Ailton Graça.

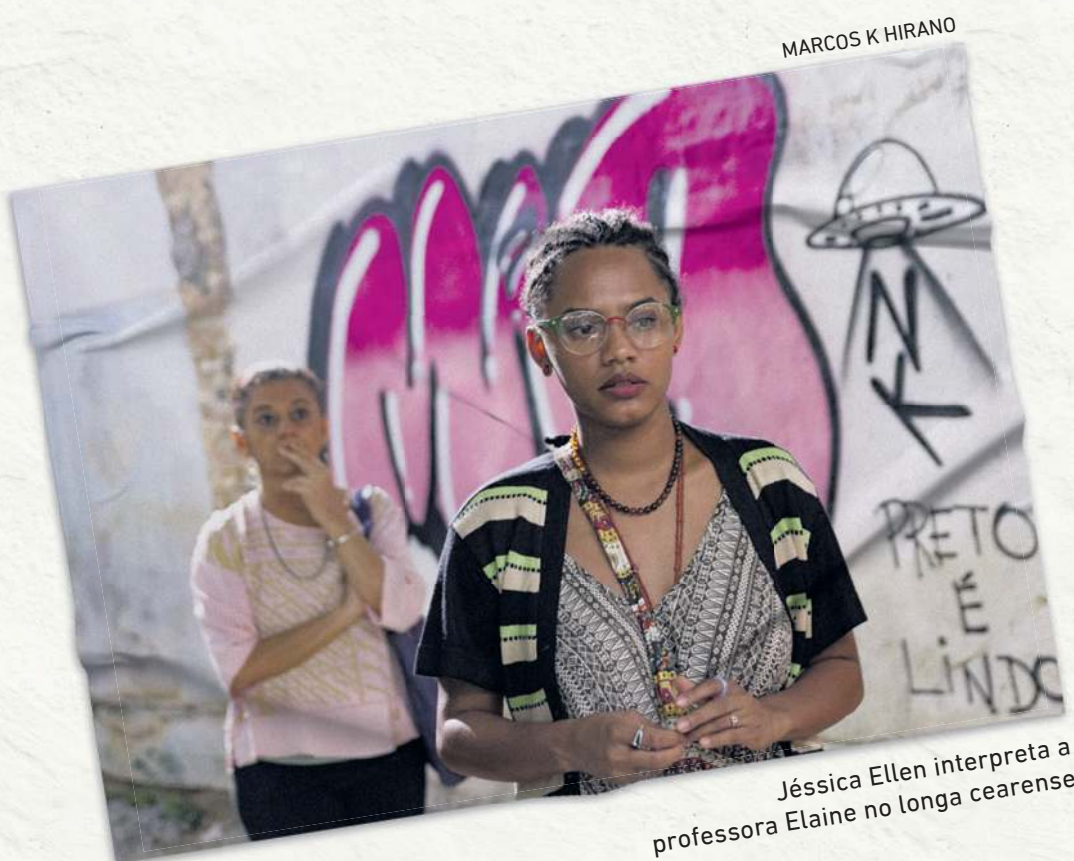
“Estou tendo a oportunidade de conhecer de perto e é um tudo muito potente. As pessoas realmente de fato estão trabalhando juntas nesse cinema independente e que está cada dia mais fortalecido. É impressionante ver toda a união. o cinema nasce muito da força de cada um”, considera.

Também professora no último trabalho de ficção na TV, Jéssica aponta a importância de retratar o papel da arte e da educação tanto em “Amor de Mãe”,

cuja exibição encerrou neste ano, quanto no longa, filmado antes da novela.

“Fiquei muito encantada com o roteiro e com a maneira como a professora assina embaixo da queixa dos alunos. Mais pra frente, ter tido a oportunidade de fazer a Camila reiterou a importância da educação e da arte na nossa formação como pessoas, cidadãs”, ressalta. “Antes de ser uma artista, sou uma pessoa que paga as contas e quer ter um país melhor. Falar sobre isso no atual cenário e ter um filme em que o protagonista é um aluno é muito importante”, avança Jéssica.

A atriz carioca torce para “Cabeça de Nêgo” e suas discussões se expandirem por todo o Brasil. “Quando o Déo me fez o convite, vibrei muito com o roteiro porque



Jéssica Ellen interpreta a professora Elaine no longa cearense

fala de coisas nas quais acredito e que tocam outras pessoas. A arte que chega é muito concentrada em duas cidades do Sudeste e quem perde é o País. O Brasil é continental, cada estado tem culturas completamente

distintas e as políticas públicas são fundamentais para que a gente faça esse intercâmbio dentro do próprio Brasil. Quanto mais diverso, melhor é um país - mais atento, mais rico”, considera.

MARCOS K HIRANO